

**CEDI Centro Ecumênico
de Documentação e Informação**

CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
COD. I2D60035

RELATÓRIO DE ASSESSORIA

II Encontro de Educação Indígena - Fátima de S. Lourenço - MT
Fev./1984

I. Perfil das experiências do participantes

Beth (Mÿky): Os mÿky são um grupo que se resume a 34 pessoas, falam muito pouco o português (12 anos de contato). Moram todos na mesma maloca. As aulas são dadas separadas para homens e mulheres, mais ou menos duas horas diárias. A professora ensina português oral e iniciou a alfabetização na língua, com palavras soltas, introduzindo agora frases e textos, a medida que aprende a língua. A língua do homem é diferente da mulher, um se recusa a ler uma frase do outro. Em matemática, está ensinando números usando material dourado.

Adélia (Kaiowã): Grupo guarani com bastante contato. Homens trabalham nas fazendas, mulheres já foram domésticas, fazem compras na cidade. Tem escola da FUNAI para crianças e MOBRAL para os homens.

A professora trabalha com um grupo de 11 mulheres.

Método de alfabetização: parte de um desenho livre, elegem um e tiram dele a palavra a ser estudada: 1ª aldeia, 2ª fazenda, 3ª índio, 4ª milho!!! Diz trabalhar pelo método silábico, mas faz a casinha das vogais que vão "dando a mão às consoantes, b com a ba, etc". Tudo em português, começaram a escrever algumas palavras em guarani, a professora fala só umas palavras.

Matemática: faz contagem e técnica das 4 operações na decoreba.

Isidoro (Guaranis do Paraguai): Os índios querem língua do branco e as contas. Os alunos são crianças, trabalha com monitores índios ou não. Tem um treinamento de oito dias antes de cada semestre. Ele não está ligado diretamente a este treinamento, não sabe maiores detalhes.

CEDI Centro Ecumênico de Documentação e Informação

Loretta (Yanomami): Achando que a alfabetização era um bom espaço para a "conscientização" tentou alfabetizar 3 índios. Só conseguiu alfabetizar um, o único que tinha solicitado. Alfabetizou em Yanomami, método desconhecido. É uma das poucas que fala a língua. Saiu da área e elaborou uma gramática, um livro de texto e um dicionário. Atualmente não consegue voltar para a área.

Abel Kanaú (kulina): Iniciou a alfabetização na língua e aproveitou-se disso para aprendê-la. Ficha de 40 palavras em kulina, atrás em português. Hoje tem 23 índios alfabetizados na língua e em português, Kanaú fala a língua corretamente. Elaborou uma cartilha, livro de textos (mitologia, cultura, material sobre o contato), um dicionário, uma gramática. A cartilha ficou com os índios, escolheram que a melhor maneira de dar continuidade seria informalmente os pais ensinarem os filhos.

Estímulo para alfabetização foi basicamente lúdico.

Matemática: não era o forte do professor, parece que não aprenderam. Usou fichas simbolizando vale e dinheiro, simulou uma cantina mas a técnica sempre desvinculada. Tem expressões na língua para dizer os números até 20.

Araci e Wilma (Kanamari): Sabem falar muito pouco da língua, então começaram por matemática. Aprenderam as quatro operações, onde têm o domínio total da técnica embora tenham dificuldade de ler o número. Alguns não conseguiram aprender e saíram, outros aprenderam rápido e foram ensinando outros. São só homens, os que fazem compras, são seringueiros.

Quiz partir do concreto: conta semente.

Sílvio (Tikuna): Assessora 53 monitores.

A maioria dos professores tem no máximo o primário. Numas das regiões há uma elite de monitores que se interessam pela língua e cultura. Têm um jornal Tikuna cuja função é divulgar idéias deste grupo. Há divergências religiosas entre esta elite, foram formados por suas respectivas igrejas. A escola é em português, só tem uns 10 que sabem escrever na língua.

CEDI Centro Ecumênico de Documentação e Informação

Eles organizaram um encontro de monitores, foram os 53, donde saiu a decisão de se fazer um curso onde os mais experientes ensinam os menos experientes. Neste curso foram uns 10, mais ou menos, que participaram.

Os monitores não são lideranças nas suas comunidades, dão aula porque não tem quem dê.

O material didático é o mais diverso possível. A maioria é remunerada, tem carteira, mas isso é uma conquista que veio do encontro, estão nessa batalha.

Salário: Secretaria da Educação: mínimo

FUNAI - Cr\$ 15.000,00

MEB - Cr\$ 8.000,00 !!!!!

PRELAZIA - Cr\$ mínimo

Existem convênios entre estas entidades. Há um trabalho no sentido da comunidade assumir mais os professores. O sistema de mutirão é muito difundido pelas religiões, a comunidade constrói a escola, faz o roçado do professor.

Palavras do Sílvio: "O MEB faz cursos de 2 dias e distribui um material do Nordeste, só para dizer que faz alguma coisa, mas era melhor que não fizesse nada."

Luís (Tapirapé): Começou com adultos mas por solicitação passou para crianças. A alfabetização começa na língua e depois passa ao português. Estão sem monitores, não sabem como arrumar. (20 no pré, 11 na 2^a, 2 na 3^a, 4 na 7^a).

A escola está sendo oficializada, está com problemas basicamente de currículo. Pedem ajuda.

Fausto e Lu (Rikbaktsa): Antigamente lá funcionava um internato. UTI ARITI, os professores foram formados lá. A equipe orienta os monitores. Alfabetização em português: palavra chave, famílias silábicas e ditado de palavras.

Houve tentativa de preparar os monitores através de curso (um caderno de monitor com todas as instruções), mas não funcionou, o que tem dado certo é um acompanhamento constante através de assistência às aulas, uma vez por semana e discussões com os monitores que têm aceitado bem a supervisão.

Rua Cosme Velho, 98, fundos
tel 2055197 CEP 22241 Rio de Janeiro RJ

Av. Higienópolis, 983
tel 667273 CEP 01238 São Paulo SP

CEDI Centro Ecumênico de Documentação e Informação

II. Programação do Encontro

Dia 1: Abertura

Dia 2: Relato das Experiências

Dia 3: Matemática

Dia 4: Língua

Dia 5: Continuidade, Lúdico, Oficialização, Material Extra Classe

Dia 6: Monitoria e Prioridades

Dia 7: Redação, **Leitura Crítica dos Relatórios e Fechamento.**

Atuação da Assessoria

a. Matemática: Foi proposto na hora, que aquele dia seria o da Matemática. A proposta foi que cada um colocasse como trabalha mas não grudou, muita resistência para mostrar o trabalho miúdo. Pediram que Helena desse uma aula de como se ensina Matemática. Deu então um apanhado geral colocando a famosa "conceituação x técnica". No meio da colocação Helena foi dar exemplo da passagem do concreto para a técnica na divisão (a pedido). Ninguém entendeu este exemplo, mas também não se colocou.

Depois do almoço foi proposto por nós a preparação de uma aula onde se ensinaria a subtração com recurso: 32

17

Formamos 4 grupos e cada um distribuimos um material.

1. material dourado
2. notas de 10 e 1 cruzeiros
3. gravetos e barbantes
4. giz e lousa

Todos os grupos se interessaram muito, tiveram dificuldades, mas conseguiram "curtir" o material.

Na hora de dar aula ninguém pensou no aluno usar o material. Era sempre o professor que fazia a conta concretamente; trocava as notas, desamarrava os montes de gravetos, trocava a barra pelos cubinhos. Depois só faziam a conta na lousa e mostravam que o resultado era o mesmo.

Rua Cosme Velho, 98, fundos
tel 2055197 CEP 22241 Rio de Janeiro RJ

Av. Higienópolis, 983
tel 667273 CEP 01238 São Paulo SP

CEDI Centro Ecumênico de Documentação e Informação

O grupo que usou a lousa, resolveu usando contagem. Depois que mostramos a passagem do concreto para a técnica, eles acharam interessante. Perceberam a importância dos agrupamentos de 10, mas só uma, pelo que observamos, teria condições e segurança para utilizar este método.

Algumas pessoas (3) procuraram a Helena individualmente, colocaram seu trabalho e para essas se podia dar sugestões mais concretas. Ninguém expôs seu material no coletivo.

b. Língua:

Os tópicos levantados para a discussão sobre ensino de língua foram:

- língua materna X português
- tipo de português a ser utilizado
- metodologia de alfabetização

Sobre o primeiro item foi feita uma rodada de cada um colocando por que tinha optado por uma ou outra. Geralmente, os grupos com maior contato iniciam com o português. Os que tem menos contato iniciaram na língua, mas esta é vista muitas vezes como uma ponte para o português. Há uma tendência mais ou menos geral de, começando por qualquer delas, ir introduzindo a outra, primeiro com os fonemas correspondentes.

Ficou decidido que a tarde Vera e Darcy (assessor linguístico) fariam uma colocação a respeito de metodologia.

Darcy, utilizando algumas palavras de uma língua artificial, mostrou a metodologia utilizada pelo Summer: coloca uma palavra e destaca uma sílaba, coloca várias palavras que tenham aquela sílaba. Trabalham os conectivos separadamente.

Vera fez o já "famoso quadro das dificuldades". Conversou um pouco sobre a questão da escolha de palavras geradoras e levantou a proposta dos "temas geradores".

Isto foi exemplificado da seguinte maneira: Sugerimos que levantassem os temas fortes relativos ao encontro. Foi engraçado, porque os temas sugeridos foram: lazer (cachoeira, piscina, forró), acomodações e alimentação. A assessora teve que no final sugerir. "Bom, acho que Educação seria também um tema importante..."

O que procuramos frisar foi:

Rua Cosme Velho, 98, fundos
tel 2055197 CEP 22241 Rio de Janeiro RJ

Av. Higienópolis, 983
tel 667273 CEP 01238 São Paulo SP

CEDI Centro Ecumênico de Documentação e Informação

- A funcionalidade dos temas para nortear a escolha de palavras;
- Procurar dentro de cada tema a palavra que respeite a gradação de dificuldades;
- A questão da importância de dar lógica aos temas, "puxar o fio", foi a mais discutida. Colocaram que este fio é muito relativo, ainda mais para eles que tem mais dificuldade de entender uma cultura completamente diferente da deles. Como chegar ao que é mais importante? Voltamos ao exemplo. O tema educação só apareceu porque a assessora puxou, será porque ele não era importante? Poderia haver temas importantes para o grupo e temas que o agente considera importante.

Avaliação Geral

O grupo, no que diz respeito a experiência e mesmo interesse pela área de educação é muito heterogêneo.

Algumas pessoas, por características pessoais, conseguem realizar um trabalho mais pensado e eficaz. Como meta da OPAN, a Educação aparece porque os índios pedem.

Mas o pessoal na nossa opinião, não se convenceu ainda, da importância de que a educação seja eficiente.

No curso de treinamento da OPAN, eles têm aula de Antropologia, enfermagem, sobrevivência na mata, etc. A respeito de Educação não têm ainda nada muito organizado, sendo que a maioria vai para ser professor.

Parece que o grupo já está sabendo que se não pensar em Educação mais sistematicamente, lidando com as práticas concretas, com o miúdo, a coisa não vai pra frente.

Acho que o encontro levantou algumas lebres, mas não houve espaço para sistematizar propostas e torná-las viáveis. Ficava difícil propor metodologias porque aquilo não era um curso de monitores.

Para o próximo encontro as sugestões foram que tivesse mais espaço para o miúdo, mas então o encontro deve ser preparado previamente e organizado neste sentido.

Reclamaram o tempo inteiro de uma assessoria antropológica (na

CEDI Centro Ecumênico de Documentação e Informação

minha opinião, alguém com autoridade para dar uns chaqualhões na moçada).

No planejamento do próximo encontro também sugeriram nomes para assessoria.

Na assessoria metodológica surgiu a questão: convidar a equipe ou Helena e Vera. Nós colocamos o esquema de trabalho da equipe (ela destaca quem vai fazer que assessoria). Eles colocaram que de certa forma também tinham investido na gente, "se vier outros tem que explicar tudo outra vez". Perguntaram se era chato um convite nominal, dissemos que não era problema de chato, e a questão ficou por aí.